

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Ferdinand Thieriot — Puvís de Chavannes — Theatro de S. Carlos — D. Victoria Mirés — Concertos — Noticiario — Necrologia — Expediente.

FERDINAND THIERIOT

Um mestre muito estimado em alguns dos principaes centros artisticos da Allemanha, embora o seu nome seja quasi ignorado fora d'esses centros.

Nasceu Ferdinand Thieriot em Hamburgo a 7 de abril de 1838. Filho de um negociante era seu destino seguir a vida commercial, e n'esse intuito entrou para um escriptorio aos quinze annos. Mas a arte seduzira-o e por fim obteve licença paterna para se dedicar inteiramente á musica.

Estudou violoncello com o conhecido mestre hamburguez Luiz Lee, tendo tido por professor de theoria e composição o theorico Eduardo Marxsen, que foi tambem o mestre de Brahms.

Em 1863 foi Thieriot para Vienna, onde recebeu lições de contraponto do *Hoforganist* (organista da côrte), Luiz Rotter, indo depois terminar os seus estudos em Munich com José Rheinberger.

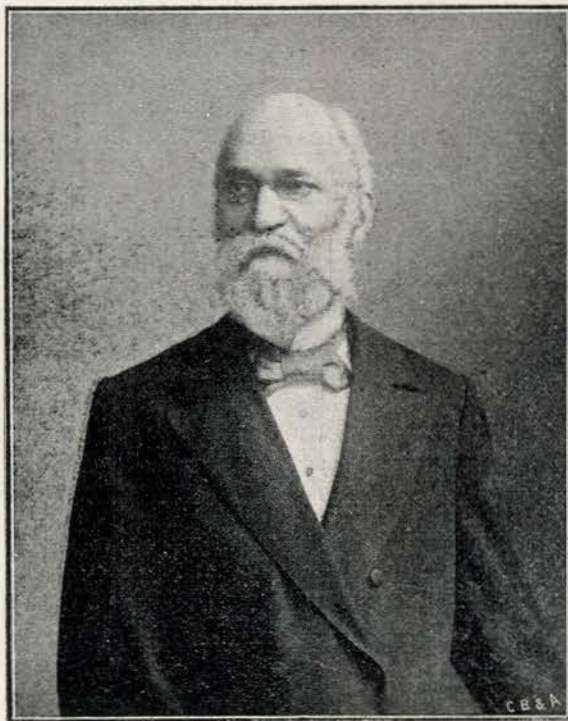
Em 1866 tomou conta do lugar de director de orchestra no theatro de Ansbach, e em 1868 assumiu a direcção da *Singakademie* (Academia de Canto) em Glogau, funções que exerceu até 1870. N'este anno, graças á indicação feita por Brahms, foi convidado para dirigir o conservatorio e sociedade

de concertos de Graz; tendo accettato esse convite, estabeleceu-se n'aquella cidade, onde viveu quinze annos muito considerado e onde creou numerosos discipulos.

Em Graz escreveu Thieriot uma grande parte das suas obras mais importantes, entre ellas a musica para os «Contos de neve», do celebre escriptor Hausegger.

Finalmente, no anno de 1885, trocou Thieriot a pequena mas muito artistica cidade de Graz pela grande Leipzig, onde reside e onde tem desenvolvido a sua actividade de compositor.

O numero das obras que tem publicado sobe a 73; entre ellas contam-se: alguns trios com piano; duas sonatas para violino; um quartetto e um quintetto com piano; um sestetto para instrumentos de corda e de vento; *Loch Lomond*, phantasia para vozes e orchestra; «Idyllo» para orchestra; *Am Traunsee*, para voz de ba-



ritono, côro de mulheres e orchestra de instrumentos de cordas; «Cantata», com texto da Biblia, composição muito estimada na Allemanha e que alli se executa frequentemente; *Requiem*, para côro, solo de contralto e orchestra; duas peças para violoncello, oito peças para piano, quatro phantasias para piano e violino, côros, *lieder*, duettos, etc.

As obras de Thieriot têm todas um cunho sobremaneira elevado, encontrando-se n'ellas trabalho solido e cuidadosamente esmerado.



Puvis de Chavannes

(Notas de viagem)

N'um dos ultimos numeros da *Arte Musical* fazia-se uma interessante approximação entre dois grandes artistas, Puvis de Chavannes, tão eminente na pintura que será por certo considerado um dos maiores genios da arte contemporanea, e Cesar Franck, uma das grandes glorias da musica moderna, reservada para um triumpho proximo, quando o publico, avançando em educação, souber comprehender toda a transcendencia poetica da sua obra.

Os dois artistas, dotados de todos os conhecimentos em que fundam a mais completa sciencia technica, envolvem as suas creações n'uma atmospheria de poesia, em que são de uma inegalavel originalidade. A precisão iniludível do desenho em Chavannes pôde egualar-se á fôrma nitida e sempre definida da melodia em Cesar Franck, envolvidas a melodia e o desenho dos dois geniaes artistas n'uma harmonia de côr, que imprime ás suas obras o caracter mysteriosamente vago de uma poesia, que vem do cerebro e do coração pela acção commum das mais sublimes idéas e sentimentos.

E assim como entre Chavannes e Chassierian poderia estabelecer-se uma sensível afinidade entre C. Franck e Richard Wagner encontrar-se-hiam elementos communs d'arte; mas em ambos a personalidade imprime na obra creada uma marca tão frizante da sua modalidade espiritual, que nem são continuadores de artistas, que mais se lhes assemelham, nem formam descendencia artistica, tão individual é o seu sentimento e a sua comprehensão da arte e da natureza.

O laço solidario que conjuga todas as Bellas-Artes n'uma familia, indissolúvel pelo culto da belleza, que será sempre o ideal da arte, abre caminho n'este jornal a umas breves notas que reflectem indeleveis recordações do grandê mestre romantico, e que foram suggeridas pelo parallelo feito a proposito da prodigiosa *Sonata* de C. Franck, ouvida com tão singular agrado nos concertos de Loevensohn.

Dotado, n'um supremo equilibrio, das faculdades que elevam o espirito humano até ás mais altas culminancias do *bem* e do *bello*, Chavannes foi, por esse raro conjunto, o extraordinario artista creador d'obras immortaes, que collocam o seu nome a par dos maiores artistas da epoca aurea da Renascença italiana, pela elevação de critica e de sentimento, equivalentes á fé que gerou as

melhores obras do seculo xvi. Da sua obra pôde dizer-se que em rigor não tem epoca, e que, á semelhança das grandes concepções intellectuaes e artisticas, que resistem ao decurso e a variantes das idéas, está destinada a augmentar o espolio sagrado da arte universal.

Quem, tendo visitado o museu do Luxemburgo, terá esquecido a extranha nota, que o pequeno quadro *Pauvre pecheur* põe entre telas consagradas de mestres, como J. P. Laurens, Cormon, Bastien-Lepage?

Que poderosa individualidade a do mestre, para n'uma pequena tela, em que está lançado mais um sentimento do que um assumpto, esbatido n'um colorido vago, impôr-se a despeito das grandes obras que attrahem a attenção interessada de quem reflecte e sente! E não era na pintura de cavalete que se comprazia o seu talento; sentia-se no seu meio de trabalho nos largos espaços a decorar, onde a sua sciencia e a sua phantasia corriam nos largos vôos d'um genio fecundo. Reflecte-se sempre a tendencia decorativa do artista, nas telas de galleria, entre as quaes se destaca, pela sua perfeita amoldação ao assumpto, e pelo caracter de quadro, a *Famille du pecheur*. Serve-lhe de fundo um trecho do Oceano, as figuras estão distribuidas nas areias da praia e compõem bem sugestivamente a familia maritima.

E' uma bella composição que pertence aos dominios, muito seguidos na sua arte, do symbolismo natural, consistindo na mais sabia e intelligente disposição das personagens para o fim de nos darem, por a simples forma do seu agrupamento, pelas suas attitudes, e pela sua expressão, mais do que o simples episodio, uma generalisação superiormente artistica. Obedece a uma orientação identica áquella que presidiu ás duas grandes decorações do Hotel-de-Ville, de Paris: *L'hiver* e *L'été*, symbolisadas por uma criação tão expontanea no espirito do artista, que ellas representam iniludivelmente as duas estações, e nunca poderiam ser interpretadas com outra significação. Porque a esthetica de Chavannes não resulta de theorias, mas de sentimentos que dominam sempre a sua obra n'uma nota bem original no nosso tempo, por uma visão ao mesmo tempo real e ideal dos assumptos.

A forma é real, resulta mesmo de uma observação, de que apenas pôde ter noção quem vir com demorado interesse a serie dos seus desenhos, que constitue o documento irrefutavel d'um trabalho artistico muito consciencioso, vendo-se que o grande artista não descurava todas as tentativas e

repetições necessárias para attingir a forma final, definitiva e perfeita.

A côr das figuras, muitas vezes nûas ou semi-nûas, e a interpretação da natureza fundem-se sempre n'uma grande harmonia poetica, constituindo o encanto supremo das suas creações.

E será a sua paisagem absolutamente real? E' por assim dizer uma reflexão da natureza na alma do artista, de que se gera não uma impressão directa, mas uma imagem real modificada pela imaginação.

Chavannes foi um romantico avido de belleza physica e moral, como os grandes mestres da Renascença italiana, mas sob fórmas e processos d'arte differentes. Não é possível assignar-lhe filiação n'uma escola; foi um individualista, com uma esthetica propria, uma forma sua de interpretar e tratar os assumptos. Foi na arte da pintura um grande poeta, não da poesia real, e triste, de Millet, mas de uma poesia transcendente, que elle soube, por uma forma prodigiosamente bella, conciliar com a observação mais exacta; foi um idealista que tem em Victor Hugo um irmão como poeta lyrico.

Com que paixão teria Chavannes trabalhado a allegoria do «auctor das *Orientaes* offerecendo a sua lyra á cidade de Paris», elle que tanto amava Paris, e tão completamente sentia a afinidade espirital do grande lyrico com aquella parte da velha cidade, d'onde se evola uma atmosphaera d'arte e de poesia, que é um dos seus maiores encantos!

E' inegavel que a arte de um tão grande mestre, e uma arte tão suggestiva, teve um grande predomínio sobre alguns artistas de bastante talento, que enveredaram pelos novos caminhos abertos pelo mestre. Comtudo as imitações, ainda mesmo intelligentes e sentidas, não formam escola, porque a arte de Chavannes, representa um modo de ser muito individual, e obedece a uma orientação intellectual, que constitue o eixo de toda a sua obra. Desde que um artista não sinta natural e espontaneamente as idéas e a natureza por um processo cerebral e affectivo, absolutamente identico ao de Chavannes, o seu trabalho, não reflecte um estado d'alma, mas simplesmente a firme vontade de repetir uma obra que é, fundamentalmente, inimitavel.

Comtudo um dos seus continuadores deve ser exceptuado, é Henri Martin, que na *Serenité* affirma uma modalidade espirital e uma afinidade de principios estheticos, que o approximam sensivelmente do mestre. E' um *discipulo* de Chavannes, tendo, como elle o sentimento da côr que completa a intenção do assumpto, e comprehendendo

bem que a sua arte está menos no processo do que nas idéas que presidem á composição, na identificação das figuras com o meio, e n'um symbolismo da natureza, vista atravez d'um ideal muito elevado.

Um exemplo admiravel d'este symbolismo é a decoração do hemicyclo de Sorbonne representando as sciencias, as letras e as artes. Para muitos criticos, e citarei entre elles o nome muito auctorisado de M. Vachon, é uma das culminancias na vasta obra do artista, que n'esta composição synthetizou por a fórma mais clara e mais impressiva, todas as manifestações das faculdades creadoras do homem. Desde as concepções mais especulativas das sciencias transcendentis até á pratica mais singela de uma industria domestica, atravessando as creações da arte — a suprema espiritualisação da raça — todos os factores de producção intellectual encontraram na obra do artista a representação synthetica e symbolica em um simples attributo, n'uma attitude, n'um gesto, desenvolvendo-se n'uma successão de scenas, de admiravel composição, em que as numerosas figuras sabiamente distribuidas, a paisagem e a atmosphaera, todos estes elementos se conjugam por fórma a dar-nos uma intensa e inolvidavel impressão de suprema arte.

Affirma-se aqui largamente o seu espiritualismo combinado com profunda sciencia, e, mais do que nunca, em presença d'esta grande criação, sem que diminua o encanto privativo da sua esthetica, se accentuam os esforços, e a somma immensa de trabalho necessaria para alcançar na obra definitiva uma segurança d'effeitos, uma certeza d'expressão dos mais pequenos detalhes, a observação plena da verdade nas fórmas humanas, finalmente uma technica impecavel posta ao serviço d'um grande ideal.

J. R.

(Continúa)

THEATRO DE S. CARLOS

Em recita extraordinaria foi cantado no dia 19 o *Elixir d'amôr*. Regina Pacini e Bonci foram d'uma correcção inexcédível. Na primeira noite, em vez da aria final de Dulcamara, cantou Regina Pacini a valsa da *Mireille*, em que foi calorosamente applaudida. Bonci, hoje um artista unico no seu genero, disse primorosamente a romanza *Una furtiva lagrima*, da qual teve a amabi-

lidade de repetir a segunda parte, a pedido insistente do auditorio.

O papel de Dulcamara teve em Pini Corsi um interprete de primeira ordem. A cavatina de apresentação *Udite, udite, ó rustici* disse-a o jocoso artista com uma graça inexcusavel, sendo muito applaudido. E' notavel a facilidade com que Pini Corsi muda o timbre da voz, permittindo-lhe sublinhar as phrases que requerem ser frisadas. E' nestes papeis que Pini Corsi se mostra um artista distincto.

O baritono Menotti, bom artista dramatico como é, interpretou e representou bem o papel de sargento Belcore. Como cantor não pode, já o sabemos, satisfazer ás exigencias da velha partitura de Donizetti.

O *Elixir d'Amôr* foi repetido na noite de 23 em recita ordinaria, ignorando a quasi totalidade dos *dilettanti* que era a despedida de Bonci. Nessa noite nem repetição da *romanza*, apesar do auditorio a pedir, nem valsa da *Mireille*, nem aria final do doutor ambulante, nem nada. Terminou a opera com o *alto! Fronte*, do sargento Belcore. Não pudemos saber a rasão d'isto.

Para estreia do baritono Kaschmann foi cantado o *D. João* na noite de 24.

Hoje não é facil fazer cantar e tocar a classica opera de Mozart com a precisa correcção. A principiar pela symphonia, que é uma pagina musical de primeira ordem, ha em toda a opera trechos d'uma belleza encantadora, que exigem, tanto da parte da orchestra, como da parte dos cantores, uma grande correcção no modo de dizer. O maestro Mancinelli, apesar de ter dirigido a opera de Mozart com a consciencia de quem sabe e de ter levado a orchestra a um tal ou qual apuro, com certeza iria muito mais longe se reconhecesse que os frequentadores de S. Carlos prestavam a devida attenção ao seu trabalho. Mas como na sala de S. Carlos se conversa mais do que se ouve, o distincto maestro passou de leve por muitas cousas, e até por aquellas que a tradição nos manda conservar. E nós deixal-as-hemos tambem de lado. Doeun-os, é verdade, o ouvir a symphonia tocada sem os esmeros de colorido exigido. Custou-nos ver que essa massa de instrumentos de corda, composta de 16 primeiros violinos, 12 segundos, 6 violas, 6 violoncellos, e 6 contrabaixos, hoje tão precisa para compensar as grandiosas sonoridades metallicas da instrumentação das operas modernas, abafasse as phrases dos pobres instrumentos de madeira e sôpro, que na instrumentação d'essa joia musical chamada *D. João* Mozart entendeu que tinham direito a serem ouvidos.

Mas conio a grande generalidade dos chamados *dilettanti* a nada d'isso attende, estamos em dizer que fez Mancinelli muito bem em não se cançar a apurar.

E pelo mesmo motivo terminemos tambem as nossas considerações.

Regina Pacini, como sempre, foi verdadeiramente correcta no desempenho da parte de Zerlina. Nem outra cousa era de esperar da distincta artista. A sr.^a Strakosch, que na primeira noite em que cantou a parte de D. Anna mostrou ter uma grande difficuldade na emissão das notas agudas, que lhe sahiam com um timbre aspero, esteve um pouco mais feliz na segunda noite. A sr.^a Minotti comprometteu muito a parte distribuida a D. Elvira. Só ella de per si bastou para pôr o auditorio em más disposições.

Anselmi cantou bem a parte de Duque Octavio e foi applaudido na aria *Il mio tesoro*. Pini Corsi foi encarregado de interpretar o papel de Leporello e satisfaz, apesar da parte estar escripta para um *basso*. Mas Pini Corsi tambem tem privilegios de baixo-cantante e disse com muita veia comica a aria *Madamina, il catalogo è questo*, em que foi justamente applaudido.

Muito de proposito nos reservamos para falar agora de Kaschmann, cuja voz conserva ainda muitas das suas bellas qualidades. Disse primorosamente a *serenata*, que a pedido teve de repetir. E' um dos raros artistas que, por ter magnifica empostação de voz e por saber cantar, continua a poder brilhar na scena lyrica, apesar de não estar já no vigor da idade.

Para reaparição do tenor Garbin foi hontem cantada a *Tosca*, em que tambem tomaram parte a sr.^a Bellincioni e o sr. Menotti. Na despedida d'este ultimo artista, a 15 de Março do anno passado, já a *Fedora* teve igual desempenho pelos mesmos tres artistas. Já então dissemos o que pensavamos a respeito de qualquer d'elles e nada hoje temos a acrescentar. O privilegiado talento dramatico de Bellincioni conseguiu hontem mais um milagre: entusiasticos applausos no fim do segundo e terceiro actos. Garbin, como no anno passado, tambem hontem cantou por tres vezes a *romanza* do terceiro acto.

27 de fevereiro.

ESTEVES LISBOA.



GALERIA DOS NOSSOS

D. Victória Mirés



No professorado do canto, está finalmente bem marcado um dos primeiros logares para a nossa perfilada de hoje: na lucta com que palmo a palmo o tem conquistado vae o melhor elogio da sua força d'animo e do seu altissimo merecimento artistico.

Se não chegou vencedora, como o imperador romano, luctou, trabalhou e venceu, o que vale mais alguma cousa. E n'essa lucta ingente de todos os dias nunca se lhe ouviu um murmuro ou uma queixa, nunca um signal de impaciencia que podesse ferir os que mais depressa venciam.

Essa foi e é uma das suas grandes forças, uma das qualidades de caracter que mais nos prendem e encantam, quando nos é dado conversal a um pouco

E depois, tem a auctoridade de um talento robusto e de um passado artistico, cheio de glorias.

Começou a sua vida musical sob os auspícios do celebre Panofka, o mesmo que ensinou Cotogni e tantos outros luminares do mundo lyrico. Em 1878 estreitava se no Pagliano de Florença com a Aida, tendo Masini por companheiro e obtendo um exito colossal, que mais tarde se reproduziu na Favorita, no Trovador, no Baile de Mascaras, na Maria de Rohan, na Força do Destino, na Norma, na Sapho, na Freyschütz, na Africana, no Orpheu, no Lohengrin e em muitas outras operas.

Percorreu assim triumphalmente as principaes cidades italianas e muitas do estrangeiro, até que o desejo de uma vida mais calma e as imposições de uma imperiosa vocação a lançaram n'um novo caminho — o do magisterio, onde a sua extraordinaria actividade, o conhecimento profundo da sua arte e a lhanza de um caracter raro tem conseguido realizar verdadeiros prodígios.

Por isso não ha uma só das suas discipulas, que a não adore e que a não respeite.

SCHAUNARD

CONCERTOS

No vasto Colyseu dos Recreios, teve logar a 13 o sarau academico. em honra da tuna hespanhola, que visitou a nossa capital.

Se bem que este genero de festas não costumem ser registradas n'esta seccão, em causa da pouca importancia artistica de que são habitualmente revestidas, temos que fazer uma excepção para mencionar dois distinctissimos musicos hespanhoes, srs. Casado e Picó, que se apresentaram n'ella a solo, o primeiro como violinista e o segundo como pianista e que o fizeram por fôrma a enthusiasmar o numeroso publico que enchia o Colyseu.

O sr. Casado, que é primeiro premio do Conservatorio de Madrid, tocou uma parte da *Fantasia apassionata* de Vieuxtemps, uma outra sobre o *Rigoletto* e duas peças de Sarazate, *Zortzico* e *Jota*.

O pianista executou a *Segunda Rapsodia* de Liszt.

Tambem mereceu os melhores suffragios o distincto professor de bandolim, o sr. Alfredo Mantua.

*

A 16 foi o primeiro concerto vocal e orchestral do Theatro de S. Carlos, com a audição da *Missa de Requiem* de Verdi.

Apesar de ser obra de que o publico está um tanto fatigado, conseguiram certas particularidades da execução suscitar um espontaneo appláuso, devido á certeza e energia da intelligente batuta de Luiz Mancinelli e á boa vontade que se notava em todos os executantes de produzir um trabalho á altura do nome do maestro que os presidia.

Nem sempre os resultados corresponderam a essa boa vontade, sobretudo na parte que incumbia ás massas coraes, para quem a afinação é quasi como regra um intangível mytho em S. Carlos.

Com respeito ao quartetto dos solistas, especialisamos muito gostosamente o sopra no, sr.^a Strakosch e em certas phrases o intelligente tenor Anselmi, que soube tirar partido da *mezza voce*, como por exemplo no seu delicioso solo *Hostias et preces tibi*, que teve as honras da repetição.

Fez o que poude a sr.^a Cloé Marchesini e menos do que devia o baixo sr. Luppi. a quem faltam as qualidades requeridas para desempenhar cabalmente a sua parte.

*

Em casa do professor Francisco Roncagli, no Porto, effectuou-se tambem a 16, uma

interessante *matinée* de canto, em que se fez ouvir um sympathico grupo das suas melhores alumnas.

*

No dia seguinte, realisava-se no *Orpheon Portuense* o segundo concerto historico de violino, offerecido pelo illustre professor Moreira de Sá aos muitos amadores que frequentam aquelle gremio.

O programma compunha-se de doze peças, abrangendo compositores dos tres ultimos seculos e constituindo, pela selecção primorosa dos mais illustres, um quadro synthetico da historia do violino durante esse periodo.

O prestigioso concertista foi alvo de grandes ovações.

*

No seu bello salão da Rua de Santo Antonio, apresentou Moreira de Sá, na noute de 20, um escolhido nucleo de alumnos seus, com optimo programma.

*

Outra *séance d'élèves* no Porto. Esta teve lugar a 23 e foi organizada por uma conceituada professora de piano da capital do norte, D. Thereza Amaral.

*

Tambem merece menção e elogio a *matinée* do Atheneu commercial do Porto, organizada ao mesmo dia 23 pelo infatigavel Moreira de Sá.

Constou dos mais applaudidos fragmentos de musica de camara e de solos executados por alguns discipulos do illustre violinista.

O programma foi completado com monologos e poesias.

*

No domingo 23, outra audição do *Requiem* de Verdi, no theatro de S. Carlos.

Decididamente a parte seria do publico enfastia-se e os verdadeiros amadores de concertos chegam mesmo a abster-se de assistir.

Não queremos com isso dizer que o *spartito* verdeano não contenha maravilhosas bellezas, que somos os primeiros a admirar, como toda a gente; mas francamente para seis unicos concertos orchestraes que se dão annualmente em Lisboa, parece-nos que podia haver um pouco mais de preocupação d'arte e de progresso.

Com os elementos de que o theatro de S. Carlos dispõe e com um mestre como Luiz Mancinelli, porque se não executam algumas das grandes obras symphonicas de

Schumann, ou de Berlioz, o Requiem allemão de Brahms, esse outro admiravel *Requiem* que Lisboa mal conhece, o de Mozart, alguma das oratorias de Bach, as Missas de Beethoven ou ainda a prodigiosa *Nona symphonia* que a nossa capital tem a vergonha de desconhecer por completo?

E citamos tres ou quatro apenas, ao acaso da memoria; ha dezenas de obras primas que o nosso paiz precisa conhecer.

Porque se não ouvem em S. Carlos? Porque havemos de estar eternamente acorrentados á missa de Verdi e ao *stabat* de Rossini, como se fossem as unicas obras que n'este genero existem?

Queremos suppôr que os sagrados interesses da empreza exploradora do theatro não seriam de forma alguma feridos com um pouco mais de variedade; teria talvez antes a lucrar.

E lucrava com certeza o publico, a cujos interesses não era mau tambem attender de quando em quando.

*

Com uma desusada concorrência, em que avultava a colonia brasileira, effectuou-se a 24 o annuciado concerto do barytono Corbiniano Villaça, no Salão do Conservatorio.

Tem o artista brasileiro qualidades nada vulgares: voz sã, bastante volumosa principalmente no registro agudo, boa emissão, sangue frio e agradável presença, e que não são qualidades para desprezar em quem se destina, como Villaça, á carreira lyrica. Um pouco mais de calor e naturalidade na dicção e mais equilibrio na sonoridade dos diversos registros da voz são com certeza a actual preocupação d'este artista e podemos affirmar que em poucos mezes de trabalho no Conservatorio de Paris, onde vae completar os seus estudos, poderá sem esforço algum adquirir as qualidades que porventura lhe falem e melhorar as que já tem.

Cantou trechos do *Guarany*, do *Samson et Dalila*, do *Tannhauser* e do *Benvenuto* de G. Diaz, sobresahindo especialmente nas phrases energicas e dramaticas, pelas quaes parece ter predilecção.

Fez se tambem ouvir n'este concerto o tenor Clement, que como se sabe faz parte da actual companhia lyrica. Nas *Stances* de Flegier, *La Neige* de Bemberg, *Rêve* da Mannon e *Si j'étais jardinier* de Chaminade revelou-se-nos um primoroso *diseur* de concerto, aproveitando lindamente a meia voz e a voz de cabeça e sublinhando com intelligencia e propriedade todas as intenções. E assim nos conseguiu encantar e encantar toda a gente.

Completava o programma o *Crucifix* de Faure, conhecido duetto para tenor e barrytono e algumas poesias e monologos em que Lucilia Simões e Chaby Pinheiro puzeram o melhor ouro do seu talento.

Oscar da Silva acompanhou todas as obras de canto, com a proficiencia que lhe conhecemos.

O professor Francisco Benetó, cujo brilhante concurso estava annuciado no programma, teve de excusar-se por motivo de doença.

*

Na noute de hontem houve uma interessante sessão de musica organizada pela illustre professora de Lisboa, D. Palmyra Rangel Baptista Mendes e cujo programma não podemos dar por absoluta falta de espaço.

*

Hoje ha nas salas do *Orpheon Portuense* um brilhante ensaio musical.

*

O 5.º concerto da *Escola de Musica de Camara* que não poudé preparar-se para este mez, como a direcção desejava, terá logar nos primeiros dias de março.

O concurso da notabilissima pianista, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso assegura a esta nova audição um desusado brilhantismo e constitue um novo padrão de gloria para a incipiente *Escola*, cujos trabalhos se não interrompem nem um momento.

O interessante programma do proximo concerto constará de:

Quartetto..... SCHUBERT

para instrumentos de corda

Sonata (8.ª)..... BEETHOVEN

por D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso
e Francisco Benetó

Quartetto em sol menor..... MOZART

para piano e instrumentos de corda

E' de crer que ainda no mez de março se dê a sexta audição.

NOTICIARIO

Do paiz

Com a representação da sua operetta *Bola de Neve* fez no dia 25 o distincto violinista Nicolino Milano a sua festa artistica, recebendo do publico e da critica portuenses as mais inequivocas provas de apreço.

Nicolino Milano, nos intervallos da peça,

tocou com o illustre pianista e professor Ernesto Maia a *Sonata em fá* de Grieg e duas peças de Wieniawski, *Souvenir de Moscow* e *Polonaise*.

O «Theatro Portuguez» distribuiu gratuitamente um numero com a biographia do estimado violinista.

Do Commercio do Porto:

«**Mercê honorifica.**— S. M. o rei de Italia acaba de agraciar com o grau de cavalleiro da Ordem da Corôa de Italia o considerado e habil professor de piano e compositor sr. Antonio Soller. Com o respectivo diploma, enviou-lhe o monarcha italiano a respectiva insignia, que consiste n'uma medalha de ouro, com formosos esmaltes brancos e azues, pendente de uma fita de sêda branca ás listras carmezins. O precioso objecto foi-lhe remettido n'um rico escriptorio de velludo carmezim, em cuja tampa se vêem, a ouro e em relevo, a corôa real e o monogramma V. E., em graciosa disposição.

Antes d'isso, já aquelle cavalleiro havia recebido inequivocas provas de consideração da familia real italiana, pelas composições musicas que o conceituado professor lhe tem consagrado, sendo a ultima em homenagem á memoria do rei Humberto.

Congratulamo-nos com o agraciado.»

Tivemos a honra de receber a visita da sr.ª D. Elisabeth Weinlich von Stein, a distincta violoncellista austriaca que vive ha annos entre nós e que conforme nos informou, se vae consagrar ao professorado do seu instrumento predilecto.

Madame von Stein, que recommendamos muito gostosamente a todas as senhoras que se queiram dedicar ao violoncello, foi discipula do Conservatorio Imperial de Vienna d'Austria.

Do estrangeiro

N'um recente leilão de autographos realisado em Berlim pelo antiquario Liepmannsohn, alguns manuscritos de musicos obtiveram preços elevadissimos.

Um manuscrito de Beethoven, com oito paginas in-folio, foi pago por 450 marcos; uma carta do mesmo compositor, datada de 8 de fevereiro de 1823 e dirigida a Zelter, subiu a 300 marcos. N'esta carta pedia Beethoven a Zelter que assignasse, em nome do Conservatorio, para a publicação da sua *Missa solemne*, dizendo que se achava n'uma posição pouco brilhante e que contava com o producto das assignaturas.

Uma carta de Schubert rendeu 550 marcos, e pouco mais outro pequeno manuscrito, do mesmo compositor.

Um fragmento de marcha escripto pelo punho de Wagner foi vendido por 300 marcos. Doze versos do mesmo, dirigidos ao tenor Tichatschek, que devia cantar o Lohengrin, foram pagos por 150 marcos.



No theatro da Opera Holandeza em Amsterdam cantou-se uma nova opera nacional — *Darithula*, de van Millingen.



De Leipzig (directamente): — Graças a diligentes informações de um amigo, a quem aqui agradecemos penhoradamente, podemos hoje dar aos nossos leitores a lista das principaes obras musicaes que durante a ultima quinzena se ouviram na artistica cidade alleman.

São as seguintes:

Musica symphonica: — a 12.^a symphonia de Haydn, a 4.^a de Beethoven, uma outra de H. Huber em primeira audição, as aberturas do Euryanthe e do Benvenuto Cellini, a Akademische Ouverture de Brahms, Eine Faust-Ouverture de Wagner, uma deliciosa suite de Tschaikowski (op. 43) e com vozes uma obra nova de H. Zöllner, sob o titulo de «Die Hunnenschlacht».

Musica Coral: — Ave Maria de Rheinberger, Im Sturm de Curti, Gondelfahrt de Gade, Meine Hochlandsmaid de A. Smolian e Nachtgruss de Kroegel.

Obras de virtuosidade: — concertos para piano de Schumann, Bach, Rubinstein, Reinecke, Liszt, Hiller e Moscheles, concertos para violino de Spohr, Mozart, Lalo, Vieuxtemps, Max Bruch e Wieniawski, a celebre sonata de Tartini, (a que contem o *trillo do diabo*), um concerto de Goltermann para violoncello, um preludio e fuga de Bach para órgão e o concerto de Weber para clarinette, em que se revelou como uma celebridade, o joven clarinettista Bruno Glänzel, a quem toda a critica lipsiana tece os mais fervorosos encomios.

Alem d'este concertista, ha ainda dois outros que conseguiram chamar vivamente a attenção pela virtuosidade, correcção e bôa escola e cujos nomes eram até hoje desconhecidos no mundo musical: são o argentino Hugo del Carril e o paraense Paulino Chaves, dois primorosos pianistas que obtiveram de *prime abord* o suffragio dos mais exigentes.

Como pianista salientou-se tambem Teresita Carreno, os violinistas Jacques Thibaud, Norman-Neruda, Otto Lund e Carl

Klein, bem como o violoncellista C. von Komarowski.

Os mais notaveis directores d'orchestra n'esta quinzena foram Arthur Nikisch e Hans Sitt.

NECROLOGIA

Falleceu em Roma Filippo Marchetti, auctor da conhecida opera *Ruy Blas*, presidente da academia de Santa Cecilia e mestre muito estimado da rainha Margarida. Foi imponentissimo o seu funeral, concorrendo a elle representantes de todas as classes da sociedade romana.

EXPEDIENTE

Continuamos a fornecer capas espezias para a encadernação do terceiro volume da *Arte Musical* (anno de 1901), ao preço de:

Capa	400 réis
Trabalho de encadernação	200 réis

Tambem nos encarregamos da encadernação de qualquer dos annos anteriores, pelos preços indicados.

*

Estamos precedendo á composição do terceiro *Anuario musical*, que será como de costume distribuido gratuitamente a todos os assignantes que o pedirem.

Os poucos exemplares que nos restam do primeiro e segundo *Anuarios* estão á venda no nosso escriptorio ao preço de 17000 réis cada um.

*

Para que não hajam de soffrer interrupção na remessa do jornal, pedimos aos poucos assignantes que ainda não satisfizeram a importancia do presente semestre, o queiram fazer com brevidade, podendo os da provincia remetter um vale do correio, uma ordem de pagamento, ou estampilhas no valor de 17200 réis.